

## **Diálogos e Convergências na Escrita de Autoria Feminina em Países da África de Língua Portuguesa e da Diáspora Africana do Brasil**

Gabriela Cristina Ferreira<sup>1</sup>  
Jussara do Amaral Silva<sup>2</sup>  
Stefane Soares Pereira<sup>3</sup>  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Enilce C. Albergaria Rocha<sup>4</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, destacaremos as proposições temáticas de duas escritoras africanas de língua portuguesa: Paulina Chiziane (Moçambique) e Ana Paula Tavares (Angola); e da escritora brasileira afro-descendente Conceição Evaristo. Nosso objetivo é realizar um levantamento das questões políticas e culturais das obras analisadas buscando compreender como estas questões interagem com a criação literária e estética das autoras selecionadas.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada, Identidade Cultural, Literatura Africana, Literatura da Diáspora.

Neste trabalho, destacaremos as proposições temáticas de duas escritoras africanas de língua portuguesa: uma romancista – Paulina Chiziane (Moçambique), e uma poetisa – Ana Paula Tavares (Angola); e da escritora brasileira afro-descendente Conceição Evaristo. As obras analisadas para este estudo foram as seguintes: *Ritos de Passagem* (1985), obra poética da angolana Ana Paula Tavares; os romances *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002), e *Ventos do Apocalipse* (1999), da moçambicana Paulina Chiziane; e *Ponciá Vicêncio* (2002), de autoria da escritora brasileira Conceição Evaristo. Nosso objetivo é esboçar um primeiro mapeamento das negociações identitárias elaboradas na escrita das autoras selecionadas, buscando realizar um levantamento das questões políticas e culturais – tais como o conflito entre a tradição e a modernidade, o lugar da mulher negra na sociedade moçambicana, angolana e da

---

Trabalho apresentado e premiado no XIII Seminário de Iniciação Científica da UFJF. Este artigo insere-se na pesquisa intitulada 'Diálogos e Convergências na Escrita de Autoria Feminina em Países da África e da Diáspora Africana do Brasil', coordenada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Enilce Albergaria Rocha, realizada graças ao financiamento do CNPq, Edital MCT/CNPq/PR-SMP, 45/2005 - Relações de Gênero, Mulheres e Feminismos

<sup>1</sup> Aluna do quinto período do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista do Programa Voluntário de Pesquisa – PROVOQUE/PIBIC/UFJF ([crisbiela@bol.com.br](mailto:crisbiela@bol.com.br)).

<sup>2</sup> Aluna do sétimo período do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – BIC/UFJF ([amaral-jussara@hotmail.com](mailto:amaral-jussara@hotmail.com)).

<sup>3</sup> Aluna do quarto período do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista do Programa Voluntário de Pesquisa – PROVOQUE/BIC/UFJF ([stefane\\_a\\_docinho@hotmail.com](mailto:stefane_a_docinho@hotmail.com)).

<sup>4</sup> Orientadora. Professora de francês e literatura francesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora e do PPG/LETRAS Estudos Literários.

diáspora brasileira, a relação de gênero, o espaço privado e o espaço público (ou a casa e a rua), buscando compreender como estas questões interagem com a criação literária.

Cabe ressaltar que este estudo se insere na pesquisa intitulada “Diálogos e Convergências na Escrita de Autoria Feminina em Países Africanos e da Diáspora”, coordenada pela Profa. Dra. Enilce Albergaria Rocha, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFJF, cujo objetivo é esboçar um primeiro mapeamento das negociações identitárias na escrita de autoria feminina de países africanos de língua portuguesa, e afro-descendente do Brasil.

A romancista Paulina Chiziane nasceu em Mandjacaze, na província de Gaza, tendo crescido no subúrbio próximo a capital Maputo e iniciado sua atividade literária escrevendo ensaios para a imprensa moçambicana. Neste estudo, conforme já dissemos, analisamos dois de seus quatro romances: *Ventos do Apocalipse* (1999) e *Niketche: Uma história de poligamia* (2002). *Ventos do Apocalipse* (1999), narra a história do êxodo dos sobreviventes da aldeia de Mauáca em busca de refúgio contra a fome e os ataques da tribo rival. Durante vinte e uma noites os sobreviventes peregrinam em busca de um novo abrigo e seu caminho é cercado de tormentos causados pela fome, pelos ataques de tribos vizinhas, por doenças e morte. As palavras chocantes e incisivas utilizadas pela narradora reforçam o realismo desta narrativa, que em várias passagens nos descreve o mais aviltante nível de deterioração da sensibilidade humana, conforme, por exemplo, o seguinte fragmento, quando a narradora descreve o estado de total abandono das mães e crianças moçambicanas das periferias urbanas, e a esperança das mulheres de que colorindo seus filhos com as cores da vida dos amuletos simbólicos consigam obter para estes a proteção dos deuses e dos ancestrais:

Os bebês com mais de um ano têm o peso do tamanho de gatos, cabem numa mão aberta. São muito pretos e luzidos com cabelos alourados de fome. São fedorentos como as mães. Têm os olhos purulentos e pele ulcerada, a blenorragia e a sífilis foram seus companheiros quando ainda residiam no ventre materno. Estão todos enfeitadinhos com amuletos coloridos que orlam o pescoço, os pulsos e os tornozelos (1999: 243).

O romance *Ventos do Apocalipse*, publicado em 1999, mescla a narrativa

ficcional a narrativas da história de Moçambique enquanto colônia portuguesa e, posteriormente, como país independente tentando se reerguer no pós-guerra. A independência foi conseguida em 1975, ano do término da ditadura de Salazar, quando então se desfez a união em torno da luta pela independência e foram desencadeadas as chamadas “guerras tribais”, ou seja, as guerras entre as diferentes etnias. Tanto a construção das personagens, quanto a diversidade temática presente no romance refletem discussões fundamentais que perpassam a nação moçambicana contemporânea. São exemplos disso, entre outros, a questão da submissão da mulher e a violência doméstica, configuradas na personagem *Minosse*; a busca pela valorização das tradições africanas; a constituição da identidade nacional; os problemas enfrentados pela nação devastada pela colonização e depois pela guerra da independência; os conflitos entre etnias como obstáculo à concretização do projeto de uma nação unificada; e, a importância das diferentes línguas faladas pelas várias etnias - expressa, por exemplo, através do uso pela narradora de expressões do dialeto *chope*, falado em Moçambique. Assim sendo, a narrativa de Paulina Chiziane nos permite apreender as especificidades da problemática cultural de Moçambique e, nesse sentido, construir um novo olhar pautado no conhecimento das complexas negociações que se apresentam à emergente nação moçambicana na modernidade.

O romance *Niketche: Uma História de Poligamia*, publicado em 2002, narra a história da personagem principal *Rami*, que intrigada com as ausências constantes do marido, decide investigar as causas do seu desinteresse por ela e pela família. *Rami* descobre então, que seu marido *Tony* possui uma amante e filhos, ou seja, ele pratica a poligamia. À medida que a narrativa se desenvolve *Rami*, aos seguir as trilhas do marido, se dá conta de que *Tony*, na verdade, possui cinco famílias com cinco amantes diferentes. *Rami* articula então, um plano para desmascarar *Tony* e recebe, para este fim a ajuda das quatro primeiras amantes. A narrativa subverte então, os valores de uma sociedade tipicamente machista e poligâmica, na qual a função da mulher é cuidar da casa e dos filhos e servir ao marido. *Rami* articula o vínculo de solidariedade entre as cinco mulheres o que lhes permite trabalhar e buscar garantir seu sustento e de seus

filhos, construindo assim, a sua independência coletiva. Tornam-se, portanto, sujeitos e agentes de suas histórias de vida.

A autora brasileira afro-descendente escolhida para a nossa análise é Conceição Evaristo, e, nesse primeiro momento de nossa pesquisa, realizamos a leitura analítica de seu primeiro romance *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2005. A autora nasceu em 1946, em Belo Horizonte, e transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde atualmente cursa o seu doutorado na Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense. Na década de 80, Conceição Evaristo integrou-se das atividades do Grupo *Quilombhoje* em São Paulo, e da publicação realizada pelo grupo - a série *Cadernos Negros* – bem como da luta dos movimentos negros pela igualdade racial, com mobilizações nas principais capitais brasileiras. As reflexões e recordações da infância da personagem *Ponciá*, mulher negra e pobre, abrem a narrativa. O recurso da memória é muito utilizado pela autora para construir as histórias de vida das personagens, e a tessitura de sua complexidade psicológica e social. Descendente de escravos africanos, *Ponciá* é habitada por um sentimento negativo de si mesma. Esta baixa estima se expressa, por exemplo, na rejeição de seu nome “*Ponciá*”. Assim, *Ponciá* passava seu tempo a refletir, tentando encontrar algum outro nome que, verdadeiramente, a identificasse. Seu sobrenome “*Vicêncio*” lhe convinha porque, afinal, era comum a todos os seus, como uma espécie de marca do destino familiar, já que provinha do antigo dono da terra. Ela o vivenciava como uma fatalidade e, fisicamente, era como “*lâmina afiada a torturar-lhe o corpo*” (2005: 29). Na obra *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo produz uma narrativa densa de significados. Sua escrita provoca no leitor um sentimento de empatia em relação aos estados interiores, aos pensamentos e à vida das personagens. A narrativa não é linear, e opera através de digressões no tempo, em um permanente ir e vir entre o passado e o presente. Assim, através das narrativas de memória, o leitor penetra nas histórias de vida das personagens e se inteira da complexidade histórica e social em que elas estão envolvidas.

No texto *Visões e percepções tradicionais*, de Honorat Aguessy, publicado em 1980, o autor aborda o papel fundamental da arte nas sociedades africanas nas quais as diversas manifestações artísticas – a estatuária, a escultura, a música, a coreografia ,

constituem formas de atividade social, criativa e libertadora. Em “*Ponciá Vicêncio*”, a personagem *Ponciá Vicêncio* e sua mãe *Maria Vicêncio* sabem trabalhar o barro. Esta ensinou àquela, que reproduz a arte aprendida. E como Aguessy argumenta, *Ponciá* utiliza-se da escultura em barro de forma libertadora, pois ao esculpir personagens tais como o avô (*Vô Vicêncio*), por exemplo, *Ponciá* desejava revivê-lo e reviver seus sentimentos - os risos e prantos, os enganos de uma existência social marginal – vivenciando esses sentimentos através da sua sensibilidade, em busca da lucidez quanto à sua própria existência social. Cabe ressaltar que também no romance “*Ventos do Apocalipse*”, da moçambicana Paulina Chiziane, a música e a coreografia estão presentes enquanto esperança coletiva. Assim, o *mbele*, ritual orientado pelas divindades e praticado com o intuito de trazer a chuva no período da seca, é uma manifestação artística que representa uma atividade social, visto que, enquanto ritual, concerne todos os habitantes da aldeia.

Na obra acima citada, H. Aguessy, baseando-se na afirmação de Claude Lévi-Strauss de que “*talvez descubramos um dia que a mesma lógica se produz no pensamento mítico e no pensamento científico, e que o homem pensou sempre do mesmo modo*” (1980: 13), defende que o *proprium africanum* da concepção do universo e da sociedade, não deve levar os africanos a considerar o seu intelecto inferior, e nem tampouco superior, ao das outras sociedades. Essa idéia pode ser observada no seguinte fragmento da fala da personagem *Sixpence*, quanto ela propõe a tolerância como necessária nas negociações identitárias dos povos da nação moçambicana, já que estas devem contemplar tanto os valores da modernidade quanto aqueles das tradições das comunidades agrárias – como, por exemplo, a inseparabilidade entre a vida e a morte:

—Gente, não é o regulo que está no centro da questão. O fulco da história é o homem. Que venham os régulos, ou reis, ou outro com qualquer outro nome. Que sejam agora, estrangeiros à tribo e ao clã. Que sejam espíritos vindos do espaço. O mais importante é que sejam homens de bem que deixem as pessoas viver de acordo com as marcas da sua identidade. Que saibam harmonizar o velho e o novo. Que sejam capazes de transmitir mensagem de paz e fraternidade entre os homens. Quero que me deixem crer que sou filho de Licalaumba e Nsilambo, primeiro homem e primeira mulher do universo da nossa tribo não filho de divindades estrangeiras. Só assim é que o povo conhecerá a dimensão da liberdade e paz (1980: 75).

Percebemos, portanto, que a escritora Paulina Chiziane dialoga em vários pontos dos dois romances estudados com a escritora Conceição Evaristo, já que esta também insere em sua uma narrativa discussões sobre a identidade cultural dos afro-descendentes brasileiros, dando ênfase ao lugar e papel histórico e social da mulher negra na nossa sociedade. Assim, a temática da violência doméstica, por exemplo, é tratada de maneira detalhada em “*Ponciá Vicêncio*”: a personagem *Ponciá* era agredida por seu marido; e, na narrativa de suas memórias, a personagem conta que seu avô, em um momento de desespero, quando três de seus filhos nascidos do “ventre-livre” foram vendidos como escravos, matara a própria mulher e, em seguida, amputara sua própria mão. Também em “*Ventos do Apocalipse*”, de Paulina Chiziane, a personagem *Minosse* representa a mulher submetida ao marido e às suas brutalidades. Assim, por exemplo, ele a incentivava a se prostituir, ou seja, a manter relações sexuais com um amante, em troca de comida para a família. A loucura é outra temática abordada pelas duas autoras. Na obra de Conceição Evaristo ela está presente nas personagens *Ponciá Vicêncio* e *Vô Vicêncio*, já citados acima, e na obra de Paulina Chiziane ela está explícita no ato extremo praticado pela personagem *Emelina*, que, para viver ao lado de um poderoso príncipe, assassina os próprios filhos.

A terceira autora estudada em nossa pesquisa é a angolana Ana Paula Tavares, que nasceu na Huíla, sul de Angola, em 1952. Formada em História, fez mestrado em Literaturas Africanas de língua portuguesa, e publicou sua primeira obra intitulada *Ritos de Passagem* em 1985. Seu segundo livro intitulado *O Sangue da Buganvília*, publicado em 1988, reúne crônicas apresentadas pela autora em um programa radiofônico na R.D.P. África, gravado na cidade de Lisboa, entre 1996 e o início de 1998. Apesar de morar atualmente em Portugal, Ana Paula Tavares participa ativamente do processo de reconstrução cultural de Angola pós-independência. Publicou também em 1999 a obra poética *O lago da lua* e, logo em seguida, a obra *Dizes-me coisas amargas como os frutos*, em 2001, dentre outras publicações. Neste texto abordaremos, principalmente, sua obra poética *Ritos de Passagem*.

*Ritos de Passagem*, primeiro livro da autora, foi escrito entre 1983 e 1985, sendo publicado neste último ano. Angola estava em guerra desde 1975, ano de sua independência, quando sofreu um golpe de estado que deflagrou o conflito civil que durou até 2002, ano do advento da paz. Segundo Laura Padilha, “*Paula Tavares se debruça sobre as mulheres e crianças da Angola porque é sobre elas que a guerra incidiu de forma mais cruel.*” (2006: 207)). A escritora fala em nome das mulheres angolanas que tiveram suas vozes emudecidas tanto pelo fato de serem angolanas - e terem sofrido como todo o povo angolano, as opressões da colonização e do imperialismo econômico e cultural -, quanto por serem mulheres.

A cultura banto, base da cultura africana, transmitida de geração em geração, perpassa toda a obra. Na visão de mundo da cultura banto, todo ser vivo e todos os elementos da natureza possuem uma energia vital - uma *anima*, uma força - que deve ser respeitada. Existe uma igualdade entre os seres vivos - humanos, vegetais, animais - e entre os demais elementos da natureza - terra, fogo, água, ar e minerais. E, portanto, nós, humanos, não somos superiores aos demais seres vivos, nem aos elementos da natureza. Paula Tavares nutre seus poemas desta visão de mundo, dando vida própria às plantas e aos animais, e relacionando a natureza com os seres humanos. Assim, a partir desta escolha poética, a poetisa constrói uma tessitura semântica que irá determinar a estrutura interna de seus poemas.

O livro *Ritos de Passagem (1985)* reúne poemas que falam da sexualidade nas diferentes fases da vida da mulher. O título da obra é plural porque apresenta dois momentos distintos dentro deste processo: um momento que, em termos semânticos, está presente em toda a obra poética, e diz respeito à liberalização da palavra feminina, simbolizando o “rito de iniciação” à voz nas sociedades patriarcais; e um segundo momento em que são descritas as várias fases da vida da mulher e as respectivas mudanças por ela vivenciadas, bem como as cerimônias dos “ritos de passagem”.

Os poemas da obra são perpassados pelo tempo cíclico que rege a natureza, e que é o tempo que orienta o cotidiano dos habitantes do campo: a posição do sol, o ciclo da lua, o ciclo reprodutivo feminino e do mundo animal (gestação dos eqüinos, bovinos e suínos), a posição das estrelas, dentre outros. A obra reúne poemas que falam

da sensualidade e da sexualidade nas diferentes fases da vida da mulher enquanto processo ritual de iniciação que obedece às tradições ritualísticas étnicas do sul de Angola. O título do livro “Ritos de Passagem” refere-se a essas diferentes fases como, por exemplo, o desenvolvimento do corpo, a puberdade e a vida afetiva. Assim, Paula Tavares ousou abordar temas tabus da sociedade angolana relativos à sexualidade feminina, assumindo, assim, a voz dos vencidos.

Concluindo este recorte analítico, gostaríamos de ressaltar que através da leitura de textos teóricos, como por exemplo, *Introdução à Literatura Negra* (1998), de Zilá Bernd; *De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade e religião* (2000), de Reginaldo Prandi, que versam sobre a construção da identidade cultural dos afro-descendentes, e do romance de Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio, pudemos observar que diversos aspectos da nossa diáspora afro-descendente estão presentes igualmente nas culturas tradicionais de origem banto retratadas na escrita da moçambicana Paulina Chiziane, e da angolana Ana Paula Tavares. Constatamos igualmente, que a relação de dominação masculina vigente na sociedade patriarcal, e a conseqüente opressão da mulher, estão presentes nas escritas das três escritoras analisadas que colocam em relevância a voz e o lugar sócio-cultural da mulher, denunciando as opressões e discriminações, explicitadas ou não, praticadas dentro das sociedades das nações de que são porta-vozes.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGUESSY, Honorat. Visões e Percepções Tradicionais. In: Introdução à cultura africana. Lisboa: Edições 70, 1980.

BERND, Zilá. Introdução à Literatura Negra. Leituras Afins. Brasília: Brasiliense, 1988.

CARDOSO, Cláudia Fabiana de Oliveira. P'ra La Do Cercado - Tradição e Ruptura na Poesia de Paula Tavares, Niterói, RJ: UFF. 2003.

CHIZIANE, Paulina. Ventos do Apocalipse. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

\_\_\_\_\_. Niketche: Uma história de poligamia. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Mazza, 2005.

PADILHA, Laura Cavalcante . Paula Tavares: E a Semeadura das Palavras. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa. (Org.). África e Brasil: letras em laços. 1 ed. São Paulo: Yendis Editora Ltda, 2006, v. 1, p. 299-315.

PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade e religião. Revista USP: São Paulo, 2000. n. 46, p. 52-65.

TAVARES, Ana Paula. Ritos de Passagem. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.